

Luz

É preciso ouvi-la

Por Vitor Penha

Iluminação, uma área que vem crescendo dentro da arquitetura e que se mantém ainda poupada dos paraquedistas de plantão, que invadem a profissão sem pudor algum. Uma área que exige dos profissionais um saber aprofundado sobre questões técnicas, como as normas que estipulam quantidades mínimas de luz em cada ambiente, eficiência energética, temperatura de cor, ofuscamento, sistemas elétricos, e por aí vai... Mas será que basta o conhecimento técnico para a compreensão deste universo?

Um arquiteto da luz, quando solicitado, deve se nortear por três princípios básicos: economia, funcionalidade e estética, todos buscando o bem-estar. Mas, apesar de óbvio, vem outra pergunta: o que é bem-estar? É impossível estabelecer um padrão de bem-estar, uma vez que esta definição está sujeita a uma carga de experiências individuais, que servem de referência para a percepção, além das limitações e reações físicas de cada corpo quando exposto a algum estímulo.

Faço, em aula, um exercício que comprova esta teoria: apresento fotos de um rosto de manequim iluminado, de vários ângulos, e, para cada imagem apresentada, peço que busquem algum adjetivo que qualifiquem o indivíduo ou uma emoção que aquela luz possa transmitir.

O resultado é que cada aluno percebe de uma maneira distinta, nas mais variadas formas possíveis, o que deixa claro que controlamos o projeto e não a percepção. Quando sou questionado sobre o resultado de um trabalho: “você tem certeza que vai ficar bom?” Esta consciência da relatividade de percepção e a certeza da possibilidade de afinações posteriores me dão a segurança da resposta: “tecnicamente sim, para você, talvez”.

Mas como podemos garantir a percepção individual do outro? Neste mesmo exercício me chama a atenção outro tipo de percepção: quando o manequim é exposto à luz, a reação é sempre voltada ao outro – ele está feliz ou ele está bravo,



Marcelo Magnani

mas sempre voltado ao outro. Agora, quando a sombra se faz presente, a reação é voltada ao interno: ele me dá medo, angústia; Freddy Krueger é sempre lembrado.

Com essa observação, comecei a notar esse mesmo comportamento entre meus clientes. Observei que as sombras em um projeto estão diretamente ligadas as nossas próprias sombras. Assim, pessoas com sinais de depressão, pânico, bipolaridade, entre outras, necessitam de projetos mais claros e uniformes, com ausência destas sombras.

Deve-se, então, pensar em um projeto de sombras, afinal, são elas que nos causam maior reação. Desde que o homem dominou a luz, a escuridão passou a ser opção e não mais algo inerente aos nossos ciclos. Segundo Samer Hatar, biólogo da Johns Hopkins University, pesquisador e estudioso do relógio circadiano, a luz artificial nos mantém num “jet-lag” contínuo.

Mas não é só a presença da luz que altera nosso comportamento, a intensidade também. O Brasil, por exemplo, é um país de luz forte, quente e acolhedora que nos chama à vida, mas onde há luz, há sombra, somos um país de contrastes. Já nos países nórdicos, a presença da meia-luz uniforme torna seus habitantes o reflexo dessa percepção também. Desta forma, é fundamental observar esta relação ao desenvolver um projeto de luz.

Concluo que não basta o saber técnico para o desenvolvimento de um projeto; é necessária uma avaliação mais ampla no perfil psicológico dos usuários, um olhar atento que vai além das informações de programa de necessidades. Mais que tecnicidade, é necessário ter conhecimento filosófico e sutil. É preciso dialogar com a luz e ouvir o que ela nos conta. ◀

Vitor Penha

é arquiteto e professor de luminotécnica na Faculdade Armando Álvares Penteado (FAAP).

Site: www.vitorpenha.com